



# CAFÉS DO BRASIL: qualidade, competitividade, reconhecimento e oportunidade... mas só que não!

**E**m âmbito global, foi a partir dos anos 90 que ocorreu a inflexão na curva de consumo global de café. Nos primeiros 30 anos do perí-

odo considerado (1970/1999) a taxa de crescimento geométrico médio por década saltou de 1,3%a.a para 1,8%a.a. Esse ritmo de crescimento mantinha-se

similar ao do aumento vegetativo da população mundial. Entretanto, foi a partir dos anos 2000 que se acelera a taxa de crescimento do consumo que evo-

luiu para 2,5% a.a. e, na seguinte (2010/2017), ainda que exiba ligeiro arrefecimento, o consumo se expande a taxa de 2,3% a.a., mantendo-se em ritmo mais intenso do que nas primeiras três décadas da série (Gráfico 1).

Ainda que já estivesse presente entre consumidores japoneses, a aceleração recente do consumo de café é, reconhecidamente, resultado da crescente aceitação do hábito entre as demais populações dos países asiáticos. O chamado Eixo Pacífico ganha proeminência, destacando-se em quantidades face as qualidades, caminhando para deslocar a habitual rota Atlântica, tradicionalmente até então percorrida pelos embarques de café no comércio internacional da bebida.

Considerando o atual dinamismo e sofisticação para o consumo global de café, torna-se possível estabelecer cenários para o desempenho da demanda para a próxima década. Naquele que é considerado o cenário mais provável (a

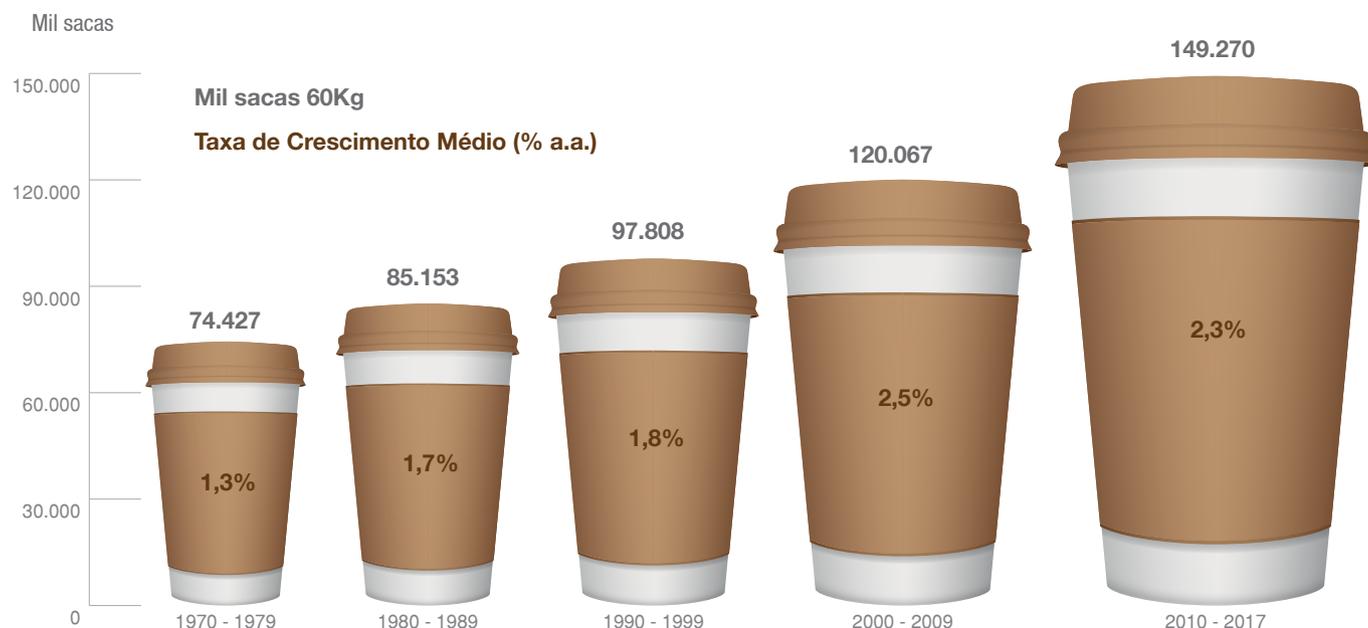
taxa de crescimento anual da demanda de 2,0% a.a.) a quantidade de café necessária para manter o suprimento mundial, em 2030, seria da ordem de mais de 205 milhões de sacas, podendo atingir 219 milhões de sacas se o cenário considerado for o otimista (Gráfico 2).

Essas projeções sinalizam como será o futuro do agronegócio café e, especialmente, posicionam objetivamente os desafios que esse segmento terá pela frente em território brasileiro. Todos os agentes econômicos envolvidos terão que ampliar suas iniciativas centrando-se mais no incremento da produção e da produtividade do que na expansão da área cultivada, a indústria inovando na tecnologia de processamento e de apresentação do produto e o comércio atendendo prontamente o clamor global por mais e melhores cafés. Ao setor público caberá estabelecer, com criatividade e ações pró-mercado (visando garantir a renda do cafeicultor); difundir novas tecnolo-

gias e normatizar quesitos de sustentabilidade, sanidade, saudabilidade e padronização dos tipos entre outros temas necessários a boa governança entre os agentes de mercado.

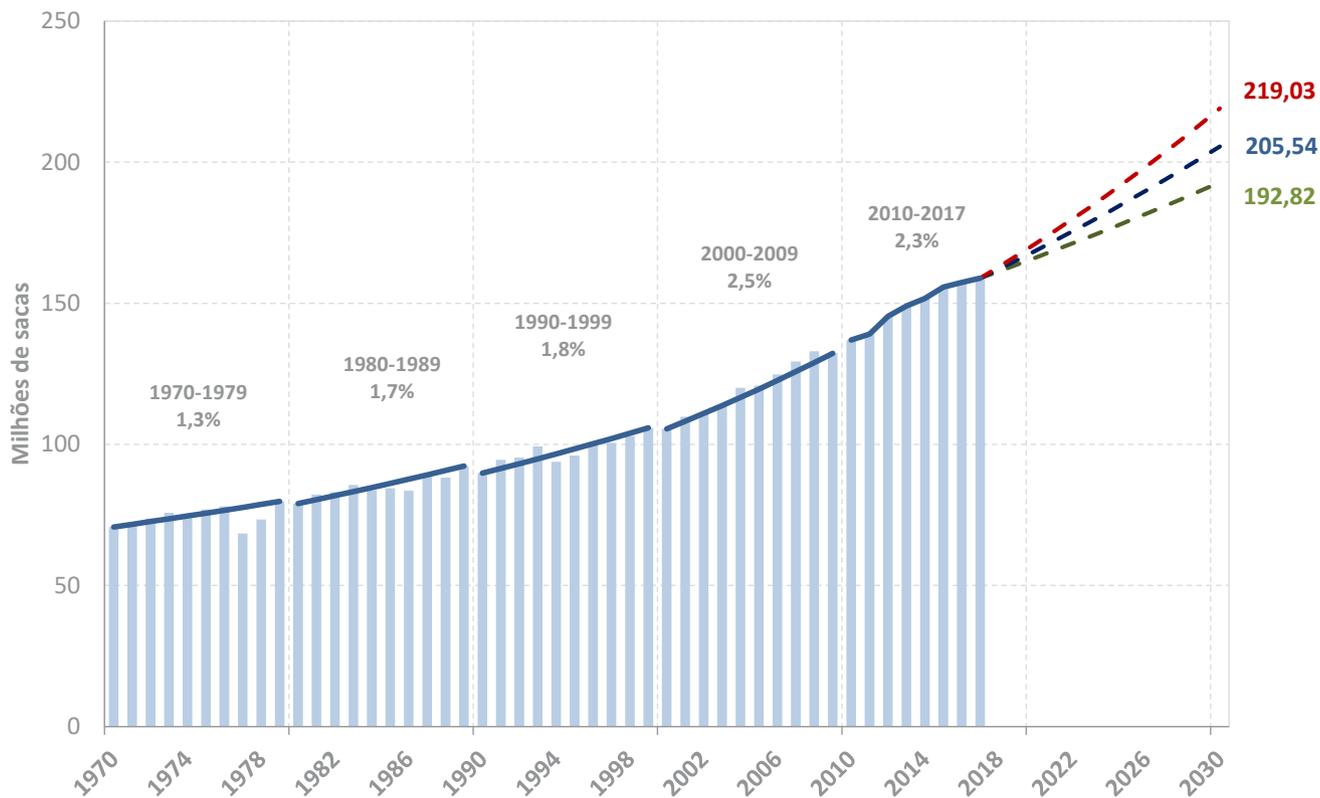
As informações exibidas denotam futuro promissor para agronegócio café no mundo. O Brasil, enquanto principal produtor, exportador e segundo maior consumidor, deveria, ao menos em tese, assumir protagonismo nesse mercado. A história dessa cultura em nosso país; a pesquisa e tecnologia agrônômica aplicada à lavoura que aqui se desenvolveu; a sustentabilidade e preservação ambiental de nossa produção cafeeira; a qualidade de nossos cafés; a excelência comercial dos exportadores, o empenho da indústria em oferecer segmentada linha de produtos, uma grande população majoritariamente apreciadora da bebida, configuram poderoso arranjo para posicionar o Brasil enquanto país de maior êxito no contexto de dinâmico desse negócio.

**Gráfico 1 - Consumo Mundial**  
Médias por decênio



Fonte: OIC

Gráfico 2 - Consumo Mundial de Café e Projeção até 2030



Fonte: OIC

Todavia, submetendo a análise pormenorizada dos dados do comércio global de café por parte do Brasil, constatou-se que nos últimos dez anos, os resultados obtidos seguem na contramão da tendência mais geral destacada. No decênio 2008 até 2017, o ritmo de incremento dos embarques brasileiros (considerando todos os segmentos) foi de apenas 1,1% a.a.. Mesmo tomando-se aquele de melhor desempenho, as exportações de arábica, a taxa de crescimento do quantum enviado ao exterior foi de 1,4% a.a., ou seja, 0,6% a.a. abaixo à média mundial (Tabela 1).

Em sendo o Brasil o principal player do mercado e tendo incrementado tão pouco seus negócios internacionais em café, certamente nossos

competidores foram os responsáveis pelo crescimento apurado de 2% a.a. para transações do produto, conforme ilustrado na Figura 1. No quesito valor apurado nas exportações de arábica, resultado de 1,8% a.a., denota que nossos cafés foram algo mais valorizados (interesse maior pelos cafés certificados, gourmet e pelas duas maravilhas da cafeicultura brasileira: o Cereja Descascado e o Bourbon Amarelo).

Muitos países competidores suplantaram em quantum exportado o desempenho brasileiro em arábica. A pífia expansão de 1,4% a.a., no

decênio passado, não se compara com os 26,3% a.a. da Indonésia; 8,1% a.a. de Uganda ou



3,2% a.a. da Etiópia. Procedendo-se mesmíssima análise para os competidores em robusta, constatou-se que esse mercado cresceu 2,1% a.a. no decênio com forte incremento dos embarques de desse tipo na Índia, Vietnã e Uganda. Em contrapartida o Brasil amarga declínio dos embarques de -19,5% a.a. no mesmo período considerado. O lamentável desempenho brasileiro se repete no caso do solúvel com mundo crescendo 7,3% a.a. (destaque para Vietnã, Indonésia e Índia) e Brasil com ridículos 0,3% a.a. (Tabela 2).

A essa altura surgem questionamentos. O quê será que esses países líderes atuais no avanço do comércio internacional de café, com muito menos história na lavoura, pior tecnologia, menor sustentabilidade, menor conhecimento comercial e industrial, têm de melhor que o Brasil? Onde é que residem tais competências que por aqui não se vislumbram? Tais questionamentos deveriam estar na ordem do dia das lideranças do segmento e dos gestores das políticas públicas destinadas ao agronegócio capazes de reinserir o

**Tabela 1 - Taxa geométrica de crescimento anual das exportações de café, por tipo, Brasil, 2008-2017**

Item	Taxa Crescimento - Decênio 2008-2017 (%)				Taxa ponderada (%)
	Arábica	Conilon	Solúvel	T&M	
Quantum	1,4	-19,5	0,3	-14,9	0,5
Valor	1,8	-18,2	0,8	-7,5	1,1

Fonte: Elaborada a partir de dados básicos do CECAFÉ, 2018

país na rota de ampliação de seu market share no suprimento mundial?

Entre 2012 e 2017, segundo dados da OIC<sup>1</sup>, a taxa de crescimento do consumo de café entre países exportadores alcançou 2,0%a.a (totalizando cerca de 49 milhões de sacas em 2017), suplantando a taxa calculada para países importadores que, no período considerado, atingiu 1,7%a.a (Tabela 3). Cabe destacar ainda que o no período de 2015 a 2017, o Brasil caiu de 32,5% para 25,8% de participação nas exportações mundiais de café, período em que os embarques e consumo globais indicaram aumento. Tal desempenho demonstra a menor dependência que o mundo tem do café brasileiro.

mente, enquanto o Brasil contribuiu com apenas 8%<sup>1</sup> desse market share.

Ilegítimo tentar argumentar que a distância do Brasil do Eixo Pacífico favorece nossos competidores, deslocando o país da até então consolidada liderança do comércio exportador. Tomando-se como referência, por exemplo, os embarques para os EUA (maior mercado consumidor),

Para atender ao ritmo de aumento do consumo dos países exportadores, melhor se prepararam a Indonésia e o Vietnã que o Brasil. Os dois primeiros, em 2017, corresponderam com 47% e 26% de participação nas exportações totais para tais destinos respectiva-

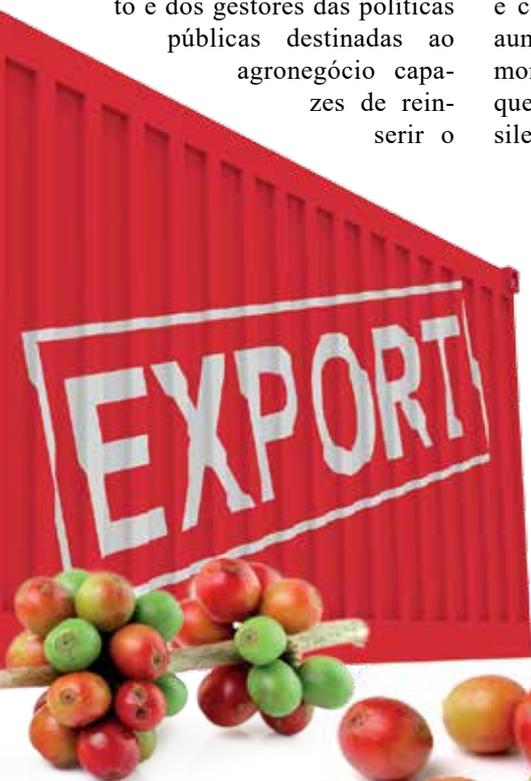




Tabela 2 - Ranking dos cinco países mais dinâmicos para o mercado de café, em quantidades exportadas, decênio 2008-2017

ARÁBICA	Taxa Crescimento % a.a.	Variação decenal (%)
Indonésia	26,3	716,6
Honduras	9,4	125,2
Uganda	8,1	101,2
Nicarágua	5,2	57,9
Etiópia	3,2	32,3
<b>Total arábica</b>	<b>1,8</b>	<b>17,8</b>

ROBUSTA	Taxa Crescimento % a.a.	Variação decenal (%)
Índia	8,6	109,5
Vietnã	3,3	33,9
Uganda	3,3	33,8
Indonésia	2,0	19,8
Laos	1,7	16,5
<b>Total robusta</b>	<b>2,1</b>	<b>20,7</b>

SOLÚVEL	Taxa Crescimento % a.a.	Variação decenal (%)
Vietnã	65,3	9.132,9
Indonésia	25,1	648,9
Índia	11,1	158,0
México	5,2	58,4
Colômbia	0,9	8,7
<b>Total Solúvel</b>	<b>7,3</b>	<b>88,1</b>

Fonte: Organização Internacional do Café (OIC)

Elaboração: CECAFÉ

pertencente ao Eixo Atlântico, evidencia-se acelerada substituição da origem Brasil pela de outros países concorrentes (Tabela 4).

Admirável o avanço hondurenho no mercado estadunidense. A imagem de república de bananas, ao menos em café, pertence a outro país, esse de dimensões continentais.

O que temos de fato no Brasil é um déficit no crescimento da produção associado a políticas mal desenhadas (vide o ranço contra o *draw back* e da destinação errática das linhas de crédito) e persistente desconfiança entre os membros do mercado (cafeicultor contra indústria, indús-

tria contra exportação, etc...). Essa incapacidade de produzir consensos e mútua confiança e, conseqüentemente, crescimento econômico, não é exclusividade do segmento café, mas da economia como um todo que permanece refém de modelos de desenvolvimento que já não mais atende aos princípios que norteiam aqueles países que avançam aceleradamente, crescem e se tornam mais prósperos que o Brasil. Em 2017, a participação da origem Brasil (todos os tipos) no comércio mundial de café foi de apenas 25%<sup>21</sup>! O Rei está nu. Aqueles que acreditam que veem, e os cegos também, parecem não desconfiar que uma ruptura esta prestes a acontecer. ☹️



Tabela 3 - Consumo de Café por perfil e Total Mundial, 2012 a 2017

Item	2012	2013	2014	2015	2016	2017	Taxa Crescimento (%)
<b>Consumo mundial</b>	<b>145.367</b>	<b>149.022</b>	<b>151.756</b>	<b>155.756</b>	<b>157.382</b>	<b>158.886</b>	<b>1,8</b>
Países							
<b>Exportadores</b>	44.350	46.109	47.198	48.253	48.514	48.881	2,0
<b>Importadores</b>	101.018	102.527	104.527	107.503	108.868	110.005	1,7

Fonte: Organização Internacional do Café (OIC), fev.2018

Tabela 4 - Exportações de café para os EUA (todos os tipos), Países Seleccionados, média quadrienal 2013/16 e 2017

(quantidade em toneladas e valor em US\$1000)

País	Média 2013/2016		2017		Variação (%)	
	Quant.	Valor	Quant.	Valor	Quant.	Valor
<b>Colômbia</b>	292.201	1.186.491,50	346.107	1.357.696	18,45	14,43
<b>Vietnã</b>	224.705	471.492,50	237.182	532.658	5,55	12,97
<b>Honduras</b>	57.731	203.103,50	85.465	291.306	48,04	43,43
<b>Indonésia</b>	73.367	316.379,00	74.798	314.556	1,95	-0,58
<b>Brasil</b>	<b>419.073</b>	<b>1.306.093,25</b>	<b>373.068</b>	<b>1.162.892</b>	<b>-10,98</b>	<b>-10,96</b>

Fonte: Elaborada pelo autor a partir de dados básicos de: UNITED STATE DEPARTEMENT OF AGRICULTURE – USDA 2015. Banco de Dados, Global, Agriculture Trade Sistem – GATS. Disponível em: <<http://apps.fas.usda.gov/gats/default.aspx>>. Acesso em: 10/03/2018

<sup>1</sup> Tabulação especial a partir de banco de dados do CECAFÉ.

<sup>2</sup> Ver relatório: <https://docs.google.com/viewerng/viewer?url=http://www.cecafe.com.br/site/wp-content/uploads/graficos/CECAFE-Relatorio-Mensal-FEVE-REIRO-2018.pdf&hl=en>

**Celso Luis Rodrigues Vegro**, é  
Engenheiro Agrônomo, MS, Pesquisador  
Científico do IEA  
[celvegro@iea.sp.gov.br](mailto:celvegro@iea.sp.gov.br)

**Eduardo Heron Santos**, é  
Cientista da Computação,  
Diretor de TI do CECAFE  
[eduardo@cecafe.com.br](mailto:eduardo@cecafe.com.br)

